

# Memórias do sertão: revisitação à cultura regional em dois romances de Antônio Torres

(Memories of sertão: revisiting the regional culture in two novels by Antônio Torres)

Rogério Gustavo Gonçalves<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – campus São José do Rio Preto (UNESP)

rogeriogstvo@yahoo.com.br

**Abstract:** This paper proposes an analysis of the novels *Essa terra* and *O cachorro e o lobo*, by Antonio Torres, focusing on the movements of the characters in time and space and its consequences. The aim is to point out the way the transformations are represented in the author's works, which are influenced by the contact with the lifestyle of large urban centers. These transformations are related to past modifications in landscapes and social and cultural aspects of contemporary *sertão*. Thereby, this study intends to show how literature effectively portrays the constancy of certain components of cultures in general and the change of others components, from the identification in the texts written by Antonio Torres, the update of some prototypical themes in different contexts.

**Keywords:** Antônio Torres; backwoods; memory; culture.

**Resumo:** Este estudo propõe uma análise dos romances *Essa terra* e *O cachorro e o lobo*, de Antônio Torres, focalizando os deslocamentos dos personagens no tempo e no espaço e suas consequências. O objetivo é apontar o modo como são representadas nas obras as transformações ocorridas nos aspectos socioculturais e na paisagem do sertão contemporâneo em relação ao passado, influenciadas pelo contato com o modo de vida dos grandes centros urbanos. Pretende-se, dessa maneira, evidenciar como a literatura retrata com eficácia a constância de certos componentes das culturas, em geral, e a alteração de outros, a partir da identificação, nos textos do escritor, da atualização de alguns temas prototípicos em contextos diferentes.

**Palavras-chave:** Antônio Torres; sertão; memória; cultura.

## Os dois sertões de Antônio Torres

No romance *Essa terra* (2005), publicado pela primeira vez em 1976, Antônio Torres apresenta a história do retirante Nelo, que, após viver vinte anos na cidade de São Paulo, retorna à sua terra natal, a pequena Junco, no interior da Bahia, onde termina suicidando-se. Como narrador, é colocado Totonhim, o irmão mais jovem de Nelo, que, ao final, com a morte deste, toma a decisão de também ir embora para a capital paulista. Em 1997, o escritor baiano lança *O cachorro e o lobo*, no qual traz de volta o universo e os personagens de *Essa Terra*. Nessa nova narrativa, é Totonhim quem retorna de São Paulo a Junco, com o intuito de rever seu velho pai. A visita é marcada pelas lembranças desse personagem-narrador sobre a época em que habitava o lugar com a família e sobre a ocasião trágica da morte do irmão.

Ambas de cunho memorialístico, as narrativas diferem-se quanto à estruturação temporal: enquanto em *Essa terra* os episódios se apresentam de maneira fragmentada, obedecendo mimeticamente ao surgimento aleatório das lembranças do narrador Totonhim, *O cachorro e o lobo* possui uma temporalidade cronologicamente mais linear, na qual as

recordações são inseridas por meio de retrospectões explícitas, sem que se perca a noção do plano narrativo principal. Nessa diferença de procedimentos subjaz a necessidade de adequação formal à representação de situações diversas em cada romance. *Essa terra* retrata uma realidade mais caótica e tensa, marcada por tragédias e conflitos familiares, muitas vezes instauradora de um estado de insanidade nos personagens. Já *O cachorro e o lobo*, pela própria lentidão e sequência do andamento da ação, em que são valorizados os pequenos detalhes do cotidiano, reproduz um ambiente de maior serenidade, no qual se observa uma atitude mais contemplativa e uma perspectiva de mundo mais conciliadora e otimista dos personagens.

O diálogo entre os dois romances é estabelecido, principalmente, pelas constantes comparações que o personagem Totonhim faz, em *O cachorro e o lobo*, da pequena Junco do passado, retratada em *Essa terra*, com a de sua atualidade, nas quais ele constata a ocorrência de modificações radicais em diversos aspectos da cidade e de seu povo, no período em que esteve ausente. As diferenças entre esses dois momentos do cotidiano do vilarejo são percebidas por meio do exercício da memória e pelo olhar agora distanciado desse narrador que, durante seu percurso pela região, revisitando os lugares da infância e da juventude, avalia vários elementos deflagradores das mudanças na dinâmica que rege o comportamento dos habitantes. Esses elementos consistem em certas situações ou componentes da paisagem local que trazem alguma informação relevante, responsáveis por despertar em Totonhim a lembrança de fatos do passado que são confrontados com a situação com a qual ele se depara no presente. Em *O cachorro e o lobo*, o reencontro com determinados objetos, com a arquitetura, a comida e os costumes locais, por exemplo, possibilita a Totonhim resgatar suas origens e perceber as transformações ocorridas na cidade, realizando uma nova leitura da cultura regional que trazia cristalizada em sua memória. O antigo que permanece inalterado, o antigo que passou por modificações ou adaptações, o novo inserido nesse espaço e até mesmo o ausente, que desapareceu com o tempo ou foi substituído, servem como matéria para o desenvolvimento dessa narrativa memorialística e de seu viés crítico acerca dos efeitos da modernização nas relações socioculturais desse pedaço do sertão nordestino.

Alguns fenômenos culturais retratados nos romances são passíveis de interpretação a partir da análise do valor dos elementos já mencionados que neles se encontram, providos de uma função comunicativa além daquela imediata que os identifica. Assim, interpretando o sentido de simulacro que é atribuído a esses elementos em cada época, no passado e no presente do narrador, antes da ida de Totonhim e após sua volta, entre o primeiro e o segundo romance, é possível precisar o modo como se dá, no plano literário, o movimento evolutivo de alguns traços caracterizadores da cultura do sertão baiano, representado metonimicamente pela pequena Junco.

Tal reflexão problematiza o ambiente e os hábitos descritos nos romances como representações de um espaço sógnico complexo em que os elementos significantes, interagindo entre si, compõem seu traçado cultural. Sobre esse aspecto, uma das grandes contribuições teóricas ao estudo da cultura origina-se com a Escola de Tártu-Moscou, a partir das reflexões de Iuri Mikhailovich Lotman (1922-1993). A origem do campo teórico sobre a cultura formulado pelo autor insere-se na tradição semiótica russa surgida no início do século XX, primeiramente, por meio de obras isoladas e, posteriormente, levada a cabo com a organização de seminários de verão realizados na Universidade de Tártu, na Estônia, a partir de 1950.

Lotman, juntamente a Boris Uspenskii (1981, p. 40), define a cultura como o conjunto de informações não hereditárias que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem: “Nós entendemos a cultura como memória não hereditária da coletividade, expressa num sistema determinado de proibições e prescrições” (1981, p. 41). Para o autor, a cultura é considerada fruto da experiência humana, que gerou em cada grupo a necessidade de estabelecer regras específicas de convivência para conservar-se, passadas de geração a geração, que podem ser tratadas como um programa.

Lotman (1979, p. 32) enfatiza também a compreensão da cultura como informação, destacando que os instrumentos da cultura material, por exemplo, desempenham na sociedade que os cria e utiliza uma dupla função: “por um lado eles servem a objetivos práticos e, por outro, concentrando em si a experiência de trabalho precedente, constituem-se um meio de conservação e transferência de informações”. Segundo o teórico, para os contemporâneos, a primeira função apresenta-se como primordial, mas, para aqueles que vêm depois, esses instrumentos podem servir como importantes registros: por exemplo, para o arqueólogo ou o historiador é possível extrair desses instrumentos informações da estrutura social de uma comunidade desaparecida. Desse modo, enquanto fontes de informação, as marcas de uma cultura permitem aplicar ao seu estudo métodos gerais da Semiótica.

O texto literário, como elemento semiótico de uma dada cultura, rico em informações sobre o contexto que recria, vale-se de recursos, entre outros, imagéticos para constituir-se como tal. Assim, os romances de Antônio Torres, como tipo de construção semiótica em que o simbólico e o icônico são partes integrantes, representam aspectos da cultura brasileira e suas variantes regionais e podem ser estudados a partir da análise desses expedientes.

Para Lotman e Uspenskii (1981, p. 41), a distância temporal constitui um fator necessário para que se possa interpretar com maior exatidão as características de uma dada cultura:

Aliás, visto que a cultura é memória (ou se preferem, gravação na memória de quanto tem sido vivido pela coletividade), ela relaciona-se necessariamente com a experiência histórica passada. No momento de sua aparição, portanto, uma cultura não pode ser constatada enquanto tal: adquire-se plena consciência dela *post factum*.

Considerando-se os dois romances em estudo, verificamos que Totonhim avalia com clareza as particularidades de sua terra somente quando retorna de São Paulo, após vinte anos. Distante no tempo e no espaço, ele enxerga tudo com uma visão desautomatizada, contrastando o passado com o presente, demonstrando uma percepção das mudanças que os moradores que nunca saíram de Junco não possuem.

Em *O cachorro e o lobo* as transformações na cidade de Junco, o desaparecimento de antigos costumes e a consonância com o moderno quase sempre são fatores de quebra de expectativas para o personagem, pois Totonhim espera reencontrar tudo exatamente do jeito que era na época de sua juventude. Ele é tomado por um sentimento de frustração, pela impossibilidade de reviver eventos ou rever comportamentos que desapareceram e passaram a figurar apenas nas suas lembranças, instituindo um tom melancólico à sua narração. A quebra de expectativa também acaba causando um efeito irônico ao texto, que parece satirizar a literatura de temática regionalista convencional que narra os cenários, hábitos e problemas típicos do sertão nordestino, ao negar ao leitor, muitas vezes, o contato com esses lugares-comuns.

## Marcas das mudanças socioculturais no sertão

Uma das primeiras demonstrações do desapontamento de Totonhim em virtude das mudanças ocorre com o estranhamento em relação ao efeito de seu retorno à terra natal. Todos ignoram o fato, nenhum habitante aparece para recebê-lo e nem mesmo o reconhecem, diferentemente do episódio da volta de Nelo, vinte anos antes, em que os moradores o recebem com festejos, tratando-o como um cidadão ilustre: “Hoje tem que parar tudo nesta terra, Nelo velho –, falou o boca de festa, e outras vozes se juntaram à dele, num coro que anunciava a coisa nova: finalmente uma noite com assunto” (TORRES, 2005, p. 25).

A indiferença do povo da cidade em relação à volta de Totonhim demonstra o processo de banalização do movimento migratório, do qual ele é agora apenas mais um participante entre muitos. A volta do conterrâneo que foi embora para a metrópole perde o antigo sentido emblemático, de reintegração de um membro ao grupo, pela repetição permanente do ato e, com isso, desaparece a espécie de gesto ritualístico da recepção: “Vai ver o ir e vir se tornou tão banal que já não impressiona a pessoa alguma. São Paulo virou um caminho de roça. O mundo ficou pequeno. Viajar já não é mais uma aventura emocionante” (TORRES, 1997, p. 69). Inicialmente o migrante era visto como um desbravador, motivo de orgulho e admiração para os conterrâneos, devido às dificuldades e o desconhecimento do lugar para onde ia e por ter a oportunidade de vivenciar uma cultura considerada superior, pelo seu povo. Posteriormente, essa admiração deixa de existir porque, com a modernização dos recursos, são eliminados os obstáculos e a viagem torna-se um evento comum: em *O cachorro e o lobo*, é destacada a facilidade com que Totonhim retorna ao sertão, viajando de avião de São Paulo até Feira de Santana, onde aluga um automóvel para chegar a Junco. A cultura “superior” não é mais estranha, pois já foi assimilada pelo sertanejo, mesmo aquele que nunca saiu do local, por intermédio dos veículos de comunicação, responsáveis por provocar uma massificação da informação.

No ensaio “La memoria de la cultura”, Lotman identifica, na relação das culturas com o tempo, a presença de elementos variantes, que em cada época podem manifestar-se de um modo específico, orbitando um eixo composto por elementos invariantes, inerentes às diferentes gerações e grupos sociais:

Sendo uma das formas de memória coletiva, a cultura, que está igualmente sujeita às leis do tempo, por outro lado dispõe de mecanismos que fazem resistência ao tempo e ao seu movimento [...] Textos separados por séculos, “ao virem à memória”, tornam-se contemporâneos. (LOTMAN, 1998, p. 154, tradução nossa)<sup>1</sup>

A literatura retrata com eficácia essa constância de certos componentes da cultura e a alteração de outros, ao atualizar, com frequência, temas prototípicos em contextos diferentes. Os dois romances de Antônio Torres, por referências diretas e indiretas, remontam à parábola bíblica do filho pródigo (*Lucas XV: 11-32*), explorando a questão do filho que vai embora de casa a contragosto da família, em busca de uma vida de aventuras. No entanto, ao contrário do texto bíblico, em que o filho abandona o lar com a herança que recebe do

---

<sup>1</sup> No original: “Siendo una de las formas de la memoria colectiva, la cultura, que está ella misma sometida a las leyes del tiempo, a la vez dispone de mecanismos que hacen resistencia al tiempo y a su movimiento [...] Textos separados por siglos, ‘al venir a la memoria’ se vuelven contemporáneos.”

pai abastado, voltando somente depois de ter acabado com tudo, nos romances os filhos deslocam-se com o objetivo de conseguir, em outro lugar, os recursos que não encontram junto dos familiares.

A volta de Nelo, em *Essa terra*, é aguardada com um entusiasmo que desperta o despeito de Totonhim, do mesmo modo que o filho ajuizado da parábola, que permaneceu ao lado dos pais, sente-se preterido. Entretanto, a história de Antônio Torres deixa claro que a receptividade exacerbada dos conterrâneos e a preferência explícita da mãe pelo primogênito distante são motivados também pelo interesse financeiro. Em *O cachorro e o lobo*, embora o retorno de Totonhim não seja comemorado e nem notado pelos moradores da cidade, um pequeno banquete é improvisado em sua homenagem pelo seu velho pai, que nesse momento vive sozinho, pois a esposa o abandonou e os outros filhos também se mudaram para as capitais:

É verdade, senti falta de minhas irmãs e dos meus irmãos, de suas vozes, risadas, exclamações, brincadeiras e desentendimentos à mesa. Aí, sim, a festa seria completa. Já não se fazem reuniões de família como antigamente. Agora é cada um no seu canto, cuidando de sua vida. (TORRES, 1997, p. 123)

Desse modo, os romances operam uma atualização do tema ao tempo e uma adaptação à realidade espacial, numa inversão em que são mostradas as relações familiares deterioradas e a perda de valores da família patriarcal, em razão da carência financeira.

Num contexto mais primitivo e amplo, os romances retomam a representação da celebração coletiva pela reintegração de um membro ao grupo, do retorno do guerreiro à tribo, depois de ter superado provas em sua saída rumo ao desconhecido. Nas culturas primitivas, geralmente, o herói guerreiro, com o objetivo de suprir e defender sua tribo, retorna trazendo o objeto de sua busca, o que se espera dele, seja a caça para alimento ou a cabeça do inimigo, sendo por isso exaltado. Em *Essa terra*, Nelo é recepcionado com festa e acaba suicidando-se devido ao seu fracasso, por não ter conseguido realizar seus objetivos e por não corresponder às expectativas do seu povo, que acredita estar recebendo de volta um conterrâneo célebre e rico, que possa auxiliar financeiramente os parentes e amigos. Em *O cachorro e o lobo*, o povo não espera nada de Totonhim, nem a sua volta, porque já não existem grandes fronteiras culturais entre o sertão e os grandes centros urbanos e a capital não representa mais um espaço estranho. Todos têm a possibilidade de realizar a viagem que, com a “modernização” do sertão, torna-se mais prática e deixa de ser considerada uma aventura ou um gesto de coragem. Assim, o viajante também perde o papel simbólico de herói, provedor do grupo, mesmo porque a pequena Junco agora não corresponde a uma comunidade isolada, mas, sim, de certo modo, integrada ao todo da nação. Os romances, em sua representação de fenômenos culturais, recuperam e adaptam o elemento invariante da cultura, o arquétipo, do ato de retorno do viajante aventureiro ao lar, trazendo consigo um aprendizado, aos elementos variantes, configurados nas particularidades do cotidiano nordestino, do mesmo modo que a parábola bíblica o ajusta aos valores cristãos da Idade Antiga para expressar sua simbologia.

A casa onde os irmãos foram criados, mencionada nos dois romances, é revestida de uma forte carga simbólica, como índice da solidez da estrutura familiar e do ambiente de comunhão de outrora, assim como a sua destruição reflete a desintegração da família que a habitava e o desaparecimento de alguns costumes locais como consequência das



mudanças nas relações sociais e econômicas. Do mesmo modo que o pai, que após ser obrigado a vender a propriedade vai embora sem coragem de olhar para trás e nunca mais toca no assunto, como se nunca tivesse vivido ali, Nelo, em *Essa terra*, chora ao rever de longe a casa abandonada que não pertence mais à família, recusando-se a aproximar-se dela e desejando sair depressa do local: “Ele agora contemplava a casa e os pastos como se estivesse diante do túmulo de alguém que tivesse amado muito – e o efeito do que estava vendo devia ser muito forte, porque já não parecia tão bêbado como antes” (TORRES, 2005, p. 35). A imagem da casa é propulsora de lembranças de um tempo em que a família era unida e vivia dignamente, de um passado de independência financeira, em que havia o orgulho de possuir o próprio pedaço de terra e dele tirar o sustento.

Em *O cachorro e o lobo*, Totonhim, na passagem em que visita o lugar da antiga casa, nota a ausência de elementos que denotem a vida e o movimento anteriores no campo. O personagem encontra o lugar despovoado e em ruínas, onde sobressai a impessoalidade da sociedade moderna, a prevalência do individual e do privado, numa imagem em que o sertão aparece como uma extensão do modo de organização da vida social urbana:

Já não vejo casas, gente, bois, ovelhas e cavalos nos pastos, galinhas e cachorros nos terreiros. O que há são as cercas de macambira e arame farpado, cancelas trancadas a cadeado. “Muitos pastos e poucos rastos. Uma só cabeça para um só chapéu. Um só rebanho para um só pastor.” Nenhum rebanho, na verdade. Nenhum pé de feijão. Quem quiser que compre no supermercado. (TORRES, 1997, p. 134)

A antiga casa da roça, que tem a marca de sua existência reduzida a um simples caco de telha, torna-se signo da ausência, sob o qual se evidenciam as mudanças ocorridas na base da economia local. Entre elas estão a tendência ao desaparecimento dos pequenos proprietários rurais e da agricultura de subsistência para dar lugar aos grandes latifúndios, despovoados e improdutivos, dentro do processo de expansão de uma cultura monopolizadora e excludente, da supremacia de uma sociedade de classes cada vez mais desigual.

Totonhim busca constantemente encontrar vestígios do passado, elementos que sirvam como dispositivo para suas lembranças, como o caco de telha que sobrou da casa, símbolo da vida familiar segregada: “Quantos sonhos, quantos sonhos, eu me digo, andando de um lado para o outro, com o caco de telha na mão. Um caco de telha com certeza feita pelo meu pai, na sua olaria, ali embaixo, ao lado de um tanque. [...]” (TORRES, 1997, p. 136). Esse objeto é responsável por despertar no personagem uma associação de imagens que reconstrói a antiga paisagem do lugar, com casas, pomares e rebanhos, e as experiências de criança ali vividas. A área agora toda recoberta por grama, livre das antigas edificações e cultivos, tem como único sinal da intervenção humana as cercas, os cadeados e correntes que limitam o acesso e indicam a existência de um novo e único dono. A mudança na paisagem determina o apagamento de registros de um período da vida de Totonhim, da história da constituição de sua família e a perda de referências concretas sobre suas origens.

O pai e o irmão Nelo, diferentemente de Totonhim, não somente recusam-se a retornar ao lugar onde havia a antiga casa, como evitam tocar em assuntos relacionados ao passado, pois, para eles, as recordações desencadeiam sentimentos negativos: o pai jamais se refere à terra perdida e ao tempo em que viveu nela, por sentir vergonha de não ter conseguido conservá-la, e Nelo não comenta sobre o desventurado período de vinte anos que passou em São Paulo, onde não cumpriu o objetivo de prosperar financeiramente.

Com relação a esse comportamento, podemos estabelecer um paralelo com as reflexões de Walter Benjamin, em seu ensaio “Experiência e pobreza”, no qual ele introduz um novo conceito de barbárie, que diz respeito à condição do homem desprovido de sua memória cultural, impelido a abandonar sua história de vida, os traços formadores de sua identidade e a recomeçar do nada: “Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.” (BENJAMIN, 1985, p. 116). Isso ocorreria com as gerações posteriores à Primeira Guerra Mundial, que, segundo o autor, tornaram-se pobres de experiências comunicáveis, pois a vivência da guerra constituía algo radicalmente desmoralizado, não havendo nada de honroso a ser transmitido. Tal experiência de choque refletiria no campo das artes, como na arquitetura, com a tendência de se criar ambientes de aço e vidro, em que é difícil deixar rastros, reação de um homem cujo desejo era “abolir seus vestígios sobre a terra” (BENJAMIN, 1985, p. 118). Benjamin expõe, com isso, a postura desse homem em crise, orientada para um completo desapego com o seu passado e com os objetos que o representam.

Para o pai de Totonhim, após as perdas sofridas e a inadaptação à vida em Feira de Santana, o valor das coisas parece tornar-se opaco e, num ato de renúncia, ele rejeita a ideia de morar com os filhos, preferindo viver sozinho num casebre, com apenas uma cama, um fogão a lenha e uns poucos objetos essenciais. Nota-se, em *O cachorro e o lobo*, que o pai consegue transformar as experiências traumáticas da venda da propriedade e da morte do filho Nelo em algo, de certo modo, positivo, ao reconstruir sua vida direcionando-a a partir de uma nova perspectiva, sem grandes aspirações. Sem lamentar as perdas, ele não problematiza o passado e torna-se mais sensível às relações afetivas, preocupando-se mais com o estado emocional dos filhos. Nelo, em *Essa Terra*, também se omite a respeito de sua experiência fracassada em São Paulo, mas, ao contrário do pai, não consegue superá-la, trazendo-a viva em sua memória. Além disso, não suporta a pressão que ele próprio impõe a si de sustentar a imagem de sucesso que os conterrâneos construíram dele e, por isso, decide matar-se.

Portanto, a imagem da antiga casa, como desencadeadora de lembranças, atinge os membros da família de diferentes modos: a Totonhim, que, na impossibilidade de revê-la, tenta reconstruí-la na sua imaginação, traz uma espécie de doce nostalgia. No pai e no irmão Nelo, a imagem da velha residência desperta, além da dor de não poderem voltar a viver em união como antes, o sentimento de perda da própria terra e, por isso, eles preferem repeli-la. O processo de mudança de proprietário, arruinamento e desaparecimento da casa retrata não apenas a desestruturação da família de Totonhim, mas também as transformações sociais, econômicas e culturais por que a região passa, sob a influência do modo de organização da sociedade moderna.

Em *O cachorro e o lobo*, Totonhim, ao visitar o local, percebe que todas as casas vizinhas também foram derrubadas e as pequenas propriedades que as comportavam foram vendidas e agregadas à grande fazenda despovoada que se formara. Dentre essas extintas moradias, Totonhim narra as recordações da casa da família da vizinha d. Zulma, um espaço pitoresco, de harmonia, paz e fartura, onde os amigos eram recebidos à noite com festa, ao som de cantigas de viola:

Adeus dona Zulma, lorde Quirino, violeira Zilah, beiju de tapioca, licorzinho de jenipapo, relógio de cuco, cadeiras de balanço, fortaleza de flores e cães e todos os demais personagens

de uma casa muito asseada e alegre e da qual não sobrara nem sequer um caco de telha, se é que isto me servia de consolo. (TORRES, 1997, p. 148)

Na memória do personagem ficaram elementos registrados pelos diferentes sentidos, como cheiros, sabores, sons e cores que, justapostos, compõem a atmosfera aconchegante do lugar. A casa de d. Zulma era cercada por jardins verdejantes que formavam um muro natural e protegida por cães ferozes, que se acalmavam ao sinal da dona, como um precioso recanto escondido pela natureza e vigiado por guardiões obedientes. A descrição confere ao episódio desse ambiente cheio de beleza e música o clima de encantamento das histórias infantis, que destoa do restante da paisagem de Junco. A referência de Totonhim aos moradores e demais elementos que compõem o cenário como “personagens” da casa, na citação acima, corrobora para ampliar o aspecto fabular que caracteriza a narração das impressões do protagonista quando criança.

A história da boa anfitriã, d. Zulma, retrata a convivência estreita e sólida entre vizinhos como parte da cultura interiorana, costume que também perde sua força com a adoção do modo de vida urbano. Na atualidade de Totonhim em *O cachorro e o lobo* já não existe esse contato aproximado entre vizinhos na pequena Junco, pois o tempo de lazer ou recreação de seus moradores passou a ser ocupado em frente ao aparelho de TV:

— Que tal a gente ir de casa em casa, pra fazer uma visitinha rápida a todos os nossos parentes que ainda moram aqui?

— Pra quê?

— Pra prostrar um pouco, dar risada com eles, como o senhor sempre gostou de fazer.

— A esta hora, meu filho? Logo na hora que todo mundo tá vendo televisão e não quer conversa? Aqui agora é assim: televisão, televisão, televisão. Até caírem das cadeiras, mortos de sono. (TORRES, 1997, p. 161)

A interação entre os integrantes da comunidade torna-se mais limitada com a aquisição do hábito de assistir a televisão. O aparelho passa a substituir o diálogo, o relacionamento humano, fazendo com que o indivíduo deixe o papel de participante ativo na troca de experiências e informações para tornar-se receptor passivo. A televisão acaba por restringir a convivência entre as famílias da comunidade, influenciando de maneira drástica no comportamento delas, pois estas tendem a isolar-se em suas casas para ver os programas, que parecem suprir a necessidade de comunicação entre as pessoas. Com as novidades tecnológicas mais acessíveis, os habitantes do vilarejo do sertão nordestino reproduzem o caráter de impessoalidade predominante nas relações sociais da cidade grande, o que constitui mais um motivo de frustração para Totonhim, ansioso por reencontrar os antigos hábitos locais preservados.

Conforme a narração de Totonhim, as antigas reuniões noturnas na casa de d. Zulma eram realizadas sem motivo especial, apenas para o entretenimento e confraternização dos moradores locais. Acompanhadas por comidas e bebidas caseiras feitas pelas mãos dos próprios partícipes e ao som dos instrumentos musicais que alguns deles tocavam, essas reuniões, autênticas manifestações da tradição local, propiciavam aos sertanejos desenvolverem alguma forma criativa de autoexpressão. A inserção da televisão e de outros recursos tecnológicos no cotidiano dessas pessoas interfere na continuidade dessas tradições, desestimulando, de certa forma, as atividades criadoras exercidas no cerne dessas



celebrações coletivas e, desse modo, promovendo a alienação cultural, a perda dos traços particularizantes da comunidade:

Montado de teto em teto, forma um desordenado jardim suspenso como o cenário de um filmete de TV patrocinado por uma empresa interplanetária de telecomunicações. Eis aí as antenas parabólicas, a rastreamos os sinais de um novo tempo. Chamemos a isso de progresso. (TORRES, 1997, p. 160)

A televisão, pela sua íntima imbricação com os sistemas de produção e mercado de bens de consumo, constitui um produto da cultura de massa, também chamada pelos intérpretes da Escola de Frankfurt de indústria cultural ou indústria de consumo. Bosi (1992, p. 130) diferencia a “cultura de massa” da “cultura popular” pela distinção entre sistemas culturais organizados para funcionar sempre como instituições (escola, rádio, etc.) e manifestações mais rentes à vida subjetiva ou grupal, como um poema, uma roda de samba ou um mutirão. Partindo dessa distinção, o crítico aponta a tendência moderna de superação da cultura popular pela cultura de massa, na medida em que esta traz em sua essência a especulação comercial que favorece a sua permanência, enquanto que a primeira surge de maneira espontânea e, portanto, cada vez mais rara, como fruto da necessidade de expressar-se, puramente:

Do ponto de vista do dinamismo capitalista, a flecha parece sempre ir no sentido de uma desagregação da cultura popular pela cultura de massa. Este fenômeno, como a destribalização do índio, é fruto mais de uma investida técnico-econômica violenta do sistema capitalista do que uma eventual exposição do primitivo ou do rústico a certas formas de cultura de massa. (BOSI, 1992, p. 330)

O desaparecimento das típicas festas de roça realizadas pelos moradores de Junco, que trocam esse tipo de atividade interativa pelo hábito privativo de assistir TV, retrata essa influência do poder dos meios de comunicação sobre as manifestações da cultura tradicional-popular, em que não sobra espaço para os modos de ser, pensar e falar próprios.

Conforme a imagem dos telhados da cidade tomados por antenas parabólicas mostra em *O cachorro e o lobo*, o poder exercido nas grandes cidades pela mídia passa a abarcar as mais longínquas localidades do território brasileiro. Nesse processo de influência, o centro apodera-se da periferia da sociedade para controlá-la, transformando seus habitantes em novos consumidores e provocando uma redefinição da cultura local, na qual o sertanejo adapta as novidades da cidade grande à sua realidade.

Bosi (1992, p. 308) considera que, se não existe uma cultura brasileira, singular, que aglutina todas as manifestações materiais e espirituais de nosso povo, isso se dá por um critério não geográfico ou racial, mas por vivermos numa sociedade de classes. A história de *O cachorro e o lobo* retrata com clareza como a diferença do interior seco do Nordeste em relação aos grandes centros, numa época de maior facilidade de acesso aos mais variados recursos tecnológicos, está ligada tão somente ao poder econômico dos cidadãos e não aos hábitos ou à falta de informação. Do mesmo modo que muitos moradores pobres das metrópoles também não usufruem desses recursos modernos, os moradores do sertão que disponibilizam de dinheiro para obtê-los, como o prefeito e a ex-namorada de Totonhim, Inês, rendem-se a eles, o que acaba influenciando-os culturalmente:

Fomos.

Para uma casa muito agradável, a começar pelo jardim que a protegia dos olhos da rua. Lá dentro, revelava-se de bom tamanho, confortável, acolhedora. E com todos os itens e apetrechos indispensáveis ao bem-estar: sofá, poltronas, aparelhos de som, de televisão, videocassete, estante de livros e discos, quadros nas paredes, máquinas de lavar louça e roupa, área de serviço e dependências de empregada, com quarto e banheiro, microondas, torradeira, liquidificador, geladeira e fogão a gás na cozinha, todos os tais equipamentos modernos que aqui nem sonhávamos que existiam, em outros tempos. (TORRES, 1997, p. 181)

O narrador descreve a casa de Inês de forma semelhante à descrição da antiga residência de d. Zulma, onde aconteciam as reuniões festivas com os vizinhos, como se quisesse contrastar os modos de se viver em dois tempos diferentes. De aspecto agradável e acolhedor, como a casa da senhora hospitaleira, a moradia de Inês tem a entrada igualmente protegida por jardins e os demais elementos que a compõem são, da mesma maneira, exaustivamente relacionados. No entanto, os objetos desse ambiente não guardam nenhum vestígio da cultura local como os de onde vivia d. Zulma, limitando-se a aparelhos eletrodomésticos e outros produtos comercializáveis que o identificam com um apartamento de São Paulo, como constata o próprio narrador. A música de viola tocada pelos sertanejos do passado, por exemplo, é substituída pelo som do disco de bolero, um ritmo estrangeiro, e, no lugar dos quitutes caseiros da região são oferecidos salgadinhos industrializados a Totonhim.

Com a tendência à eliminação das fronteiras culturais que os meios de comunicação de massa causam, os centros, numa via de mão dupla, também absorvem as particularidades das culturas periféricas e as adequam aos seus interesses. Em *O cachorro e o lobo*, o narrador explicita a maneira como as manifestações típicas da cultura de diferentes regiões ou países, como a culinária e a dança, são reproduzidas na cidade de São Paulo e submetidas à função de mercadorias:

E depois encher a cara de saquê quente no bairro da liberdade, atravessando outro viaduto com a muralha da China abrindo a fronteira para o Japão. Tomar áraque no olho da madrugada e comer pasta de grão-de-bico na Avenida Ipiranga. Rebater com um chopes e dois pastel na Avenida São João. Dançar forró na periferia e descobrir que é aqui que se faz a verdadeira festa de São João, em todas as noites do ano. (TORRES, 1997, p. 159)

Para Hall (1999, p. 75), a difusão do consumismo contribui para esse efeito de “supermercado cultural”, visto que “no interior do discurso do consumismo global [...] todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas numa língua franca internacional.” Os romances mostram que, assim como o sertão é influenciado pela cultura urbana, a cultura popular regional é transformada na capital em indústria de entretenimento e consumo. As exigências do mercado cada vez maiores em relação à variedade e novidade fazem com que se explorem comercialmente os produtos das mais diversas culturas, que passam a ser reproduzidos em larga escala em cidades com potencial consumidor, não havendo a necessidade de se viajar até o lugar de origem para conhecê-los.

Manifestações como as festas, a música, a dança e a culinária, representadas nos dois romances, revelam aspectos da cultura típica regional do interior baiano e as transformações

que ela sofre com o decorrer do tempo: nos grandes centros urbanos a cultura regional é capitalizada e seus produtos passam a ser adquiridos facilmente. As regiões de origem perdem a exclusividade sobre os produtos de sua cultura, ao passo que a adesão aos hábitos da vida moderna faz com que essas mesmas regiões eliminem os produtos típicos de seu cotidiano ou divida-os com elementos da cultura urbana. Nesse processo recíproco de recepção e transmissão de manifestações culturais entre cidade grande e sertão, ou centro e periferia geográficos, os elementos em trânsito acabam perdendo o seu sentido de referência cultural: em *O cachorro e o lobo* é mostrado, por exemplo, que aquilo que é vendido nas cidades do Sudeste como comida ou música nordestina não é mais o que se come ou se ouve, efetivamente, no Nordeste. Desse modo, com a atualização das regras da cultura regional, vemos ocorrer uma ressignificação dos elementos que a representavam, pois aquilo que para o morador de outras regiões simboliza a cultura do sertão nordestino já não tem o mesmo significado para o próprio sertanejo, pois não condiz exatamente com a sua realidade.

## Conclusão

Esse trabalho se apóia, principalmente, na idéia de Lotman sobre a cultura em relação ao tempo e ao espaço, baseada em elementos variantes e invariantes, responsáveis pela sua peculiaridade de desenvolver-se de maneira diversificada, conforme a época e o lugar, ao mesmo tempo em que respeita uma certa ordem imutável. A partir dessas considerações do teórico russo, submetemos alguns índices de expressão cultural representados nos dois romances a uma análise que leva em conta manifestações culturais em parte do interior da Bahia em relação com o modo como elas se apresentam nos grandes centros urbanos brasileiros, em dois períodos distintos: após Totonhim voltar a Junco, em *O cachorro e o lobo*, e vinte anos antes disso, quando ele ainda vivia no local, época da qual o leitor toma conhecimento por meio das memórias desse personagem-narrador neste romance e em *Essa terra*. Focalizamos como elementos constantes da cultura o comportamento de recepção ao retorno de um integrante à sua coletividade; a imagem da casa e da terra como representação da união e do provimento familiar e, por fim, as práticas de convivência entre os membros de uma comunidade. Como elementos inconstantes da cultura, consideramos os diversos modos como se desenvolvem essas manifestações e os diferentes significados que lhes são conferidos em cada momento histórico.

*Essa terra e O cachorro e o lobo*, por meio do recurso à memória dos personagens principais, possibilitam resgatar alguns aspectos da cultura e da paisagem regional que perderam intensidade com o passar do tempo. Por meio do diálogo que instauram das práticas culturais do passado com as do presente de Totonhim, os romances retratam artisticamente o modo como a mudança de costumes no sertão brasileiro – impulsionada pela ampliação do contato com as áreas mais urbanizadas graças à disseminação dos recursos tecnológicos de comunicação, transporte, entretenimento, etc. – impõe um significado novo aos componentes que serviam para expressar essa região, mostrando que o antigo valor que lhes era atribuído resta apenas na memória desse narrador-personagem.

## REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. Coordenação de Gilberto da Silva Gorgulho et al. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas 1: magia, técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 114-119.
- BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: \_\_\_\_\_. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 308-345.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- LOTMAN, I. M. La memoria de la cultura. In: \_\_\_\_\_. *La Semiosfera II: Semiótica de la cultura del texto, de la conducta y del espacio*. Tradução de Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1998, p. 152-162.
- \_\_\_\_\_. Sobre o problema da tipologia da cultura. Tradução de Lucy Seki. In: SCHNAIDERMAN, B. (Org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 31-41.
- LOTMAN, I.; USPENSKII, B. Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: LOTMAN, I.; USPENSKII, B. et al. *Ensaio de Semiótica soviética*. Tradução de Victória Navas e Salvato Teles de Menezes. Lisboa: Horizonte Universitário, 1981. p. 37-61.
- TORRES, A. *Essa terra*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O cachorro e o lobo*. Rio de Janeiro: Record, 1997.